

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 22 de junho de 1999 - ano III, nº 24.

boletim

Natureza-morta

Antônio Donizeti Pires

De cócoras – Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Antônio de Albuquerque e Silva, protagonista do novo romance de Silviano Santiago, é um homem comum e medíocre, em cuja vida nada de grandioso aconteceu.

Engenheiro civil aposentado do DNER (onde trabalhou vitaliciamente como funcionário público, gastando burocraticamente a vida como alguns personagens de Gogol ou Kafka), este é já um dos fortes indícios da esterilidade que marca sua vida: ao invés da criação e da criatividade que a profissão poderia lhe propiciar, ele preferiu – com sua caligrafia “proporcional e arredondada como a de um arquiteto” – dedicar-se à mera redação de pareceres técnico-financeiros, trocando “régua, compasso e planta por canetas, folhas de papel e processos”.

Outros sintomas evidentes da esterilidade existencial do personagem são seu conformismo, sua passividade e sua inconsciência diante dos fatos e das coisas, pois Antônio, em nenhum momento, opta ou rebela-se contra o que lhe cabe em vida: ele sempre esteve satisfeito com sua atividade profissional, com seu ótimo salário, com sua boa casa financiada pelo Banco do Brasil, em Laranjeiras – bairro do Rio de Janeiro, cidade que é espaço privilegiado do romance –, com sua esposa que “não era feia, não era bonita, não tinha graça” mas, ao mesmo tempo, “não era sem graça”. A narrativa enfoca o último dia de vida de um homem que, já velho, tendo passado a vida de cócoras – conhecida posição de descanso e de passividade, mas também de defecação –, relembra algumas perdas fundamentais e uns poucos momentos de fulgor existencial. Assim, à perda da esposa seis meses antes e à perda da mãe, ainda na infância – o ponto mais obscuro de sua biografia –, somam-se a perda dos dentes, trocados por uma inútil dentadura dupla, a perda simbólica do relógio, a perda do velho fusquinha azul, a perda da segurança que um Rio antigo e ideal lhe proporcionava, a perda de seu precário equilíbrio, viciado na rotina entre a vida familiar, o trabalho, o chope com os colegas no final do expediente, a ritualística visita mensal ao irmão mais velho, sem nome na narrativa. Aliás, os outros familiares de Antônio de Albuquerque e Silva também não têm nomes, sendo identificados apenas como a esposa, a cunhada, as duas irmãs, o pai, a mãe. Dentre os personagens nomeados, há Beбето – o irmão caçula de Antônio, morto ainda bebê em circunstâncias que ele não quer ou não pode lembrar-se –, Norma – a voluptuosa colega de trabalho que ampara maternalmente Antônio quando da morte de sua esposa –, e uma galeria de figuras masculinas onde se incluem os colegas de trabalho Zico e Hermenegildo (solteirão e esteta), os irmãos Carlos, Augusto e Boaventura, vizinhos que, da adolescência à maturidade, são observados por Antônio com “olhos distantes e curiosos”.

(continua)



DE CÓCORAS

Natureza-morta

(continuação)

As três partes em que se divide a narrativa (“Na cozinha”, “No alpendre” e “No quarto de dormir”) evocam claramente o ciclo da existência (infância, maturidade e velhice) ou o ciclo solar (manhã, tarde e noite). Para cada uma dessas partes há alguns elementos que, simbolicamente, representam a estéril natureza-morta que é a vida de Antônio: sentado na cozinha, sem fome, diante da maçã partida num prato, ele se vê refletido nos pequenos pedaços cortados da fruta, cujas “paredes já ganharam o escuro do azinhave da faca e do lento apodrecimento”. À tarde, ainda de pijama e roupão, sentado no alpendre, Antônio observa as folhas e as flores secas amontoadas ao acaso pelo vento, aqui e ali. Sua vida, mais uma vez, projeta-se no lixo orgânico em decomposição. À noite, no quarto de dormir, após ter alimentado e embalado (vencendo o próprio nojo) o velho e sarmento cão Gama – o qual evoca outros cães antropomorfizados da literatura brasileira, como a Baleia de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Quincas Borba*, de Machado de Assis –, Antônio tenta fazer com que o animal ocupe o espaço vazio deixado pela esposa na cama de casal. Mas o cachorro foge, com suas feridas, para a liberdade e a solidão das ruas, e Antônio, entregue à própria solidão do sono e do sonho, tem de lidar com suas feridas e seus fantasmas pessoais. O tempo no romance, mesmo compreendendo claramente manhã, tarde e noite, também pode ser tomado como indício de esterilidade, pois é cinzento, frio, desbotado: está-se em julho, em pleno inverno carioca.

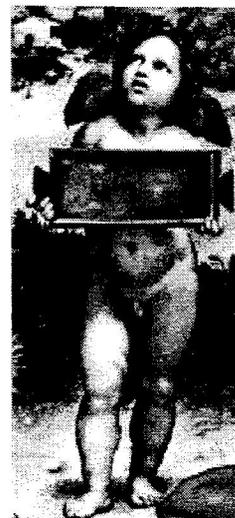
Em termos de carpintaria textual, o foco narrativo é bastante problematizado: a narração, em terceira pessoa, começa como um frio e protocolar relatório, mas – principalmente a partir da segunda metade do texto –, notamos que a voz sutil do Primeiro Anjo é que conduz o enredo, estando claramente refletorizada e sobreposta à voz onisciente e autoritária do narrador. Vez ou outra, ecoa a patética voz interior de Antônio: “Existiriam lírios se houvesse lágrimas nos meus olhos”. Assim, de um enfoque externo, macroscópico e panorâmico, passa-se gradativamente para outro, interno e microscópico, que nos revela inclusive os pensamentos mais secretos do personagem. Tais pensamentos expõem o psiquismo e o imaginário de Antônio e vêm à tona em dois momentos fundamentais da narrativa: o primeiro é a fetichização (e apropriação literária, intertextual) do filme *Gilda* e sua atriz principal, Rita Hayworth, conhecidos ícones homossexuais. Antônio aqui transforma-se em Toninho; Rita – ou Gilda?, ou a relação ambígua que ela mantém com Mudson

(George Macready) e Farrell (Glenn Ford), os personagens masculinos do filme? – transforma-se no inatingível ideal de casamento de Antônio: a realidade, porém, é sua união estável e sem filhos com uma esposa de cabelos louros e encaracolados como os da atriz, se bem que artificiais.

O segundo momento está nas páginas finais do livro e reproduz o sonho em que Antônio – novamente Toninho – mergulha em sua infância problemática: de cócoras sob o caixão da mãe morta, velada sobre a mesa de jantar, o velho ata as duas pontas da vida e, como o menino, suja-se com as próprias fezes. O Primeiro Anjo, cuja túnica é “rosa, amarela e vermelha”, cheia de “pregas multicoloridas”, e cujas asas são compostas por “longas penas de pavão” – portanto uma figura fantasiada, travestida, carnalizada e de sexo indefinido –, é repudiado em favor do Segundo Anjo da morte – um soldado maduro e experiente, “vestido de uma armadura medieval” e cuja mão direita segura “um dardo de ouro” cuja “ponta de ferro avermelhada está incandescente”, numa clara alusão à simbologia fálica.

Abatido pelo Segundo Anjo, Antônio vive o ponto culminante – a hora da estrela – de sua vida marcada pela dupla esterilidade, sexual e criativa. Antônio, se não fez nunca qualquer opção, foi porque manteve-se sempre na própria inconsciência de si, do outro e da vida.

Antônio Donizeti Pires é professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB.



detalhe de Rafael

Segunda-feira, 28 de junho

Romance sem Palavras

de Carlos Heitor Cony

Discussão às 16 horas, na sala B1 251 (ICC Centro, sobreloja).

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rda1@unb.br

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/il/tel/boletim/>